

VOL IV

Educação:

*Saberes em
Movimento,
Saberes que
Movimentam*

Teresa Margarida Loureiro Cardoso

(organizadora)



EDITORIA
ARTEMIS

2023

VOL IV

Educação:

*Saberes em
Movimento,
Saberes que
Movimentam*

Teresa Margarida Loureiro Cardoso

(organizadora)



EDITORA
ARTEMIS

2023



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadora	Prof. ^a Dr. ^a Teresa Margarida Loureiro Cardoso
Imagem da Capa	grgroup/123RF
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará
Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México



Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*

Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*

Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*

Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*

Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*

Prof.^a Dr.^a Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil

Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*

Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*

Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal

Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*

Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil

Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*

Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*

Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*

Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil

Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*

Prof. Dr. José Cortez Godínez, Universidad Autónoma de Baja California, México

Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Díaz, Instituto Politécnico Nacional, México

Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*

Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*

Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*

Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil

Prof.^a Dr.^a Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil

Prof.^a Dr.^a Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil

Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*

Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*

Prof.^a Dr.^a Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*

Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*

Prof.^a Dr.^a Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil

Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil

Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Prof.^a Dr.^a Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*

Prof.^a Dr.^a Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Prof.^a Dr.^a Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*

Prof.^a Dr.^a Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal



Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
 Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
 Prof.^a Dr.^a Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
 Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
 Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
 Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
 Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
 Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
 Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
 Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
 Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
 Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo (USP), Brasil
 Prof.^a Dr.^a Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University*, Russia
 Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
 Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
 Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
 Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
 Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
 Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia
 Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León*, Espanha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [livro eletrônico] : saberes em movimento, saberes que movimentam IV / Organizadora Teresa Margarida Loureiro Cardoso. – Curitiba, PR: Artemis, 2023.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 Edição bilíngue
 ISBN 978-65-87396-78-1
 DOI 10.37572/EdArt_280223781

1. Educação. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação.
 I. Cardoso, Teresa Margarida Loureiro.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

O quarto volume da *Educação: Saberes em Movimento, Saberes que Movimentam*, publicado pela Editora Artemis, proporciona-nos uma miríade de perspetivas simultaneamente centrífugas de e centrípetas para o epíteto da equidade, previsto no “Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4: Garantir o acesso à educação inclusiva, de qualidade e equitativa, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”¹.

Assim, é possível reconhecer este conceito central na formação –ancorada em propostas metodológicas; docente; inicial; profissional; cidadã; do aluno/estudante, do professor – que inspira alguns dos capítulos aqui coligidos. Mas também nos vários níveis de ensino e nas distintas áreas científicas que informam outros capítulos. E, consequentemente, entre os indivíduos e os coletivos que enformam todos os capítulos.

Nestes *Saberes em Movimento, Saberes que Movimentam*, porventura com traçados paradoxais, a partir de diferentes geografias, incluindo linguísticas, é ainda possível reencontrar o equilíbrio caleidoscópico que reflete, afinal, a finalidade de transformar a *Educação*, numa “valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável”¹.

Teresa Cardoso

¹ Disponível em <https://unescoportugal.mne.gov.pt/temas/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/os-17-ods/objetivo-de-desenvolvimento-sustentavel-4-educacao-de-qualidade> Acesso em: 27 fev. 2023.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ESTUDO DAS AULAS: UMA PROPOSTA METODOLOGICA DE MASAMI ISODA

Fernando Flores Vázquez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237811

CAPÍTULO 2..... 15

EL TALLER COMO ESTRATEGIA METODOLÓGICA PARA LA CONSTRUCCIÓN DE SENTIDO A TRAVÉS DE LA IMAGEN

Sergio Domínguez Aguilar

Xavier Cózar Angulo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237812

CAPÍTULO 3..... 31

UN TALLER SOBRE GEODINÁMICA INTERNA PARA FAVORECER EL PENSAMIENTO HISTÓRICO EN EL ALUMNADO UNIVERSITARIO DE MAGISTERIO

Alfonso Robles Fernández

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237813

CAPÍTULO 4.....42

PAPEL DEL DOCENTE UNIVERSITARIO COMO FACTOR MOTIVADOR PARA CREAR UNA CULTURA DE APRENDIZAJE ABIERTO EN LA PRODUCCIÓN CIENTÍFICA DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS PARA PUBLICACIONES INDEXADAS

Jorge Leoncio Rivera Muñoz

Magna Asiscla Cusimayta Quispe

Ursula Isabel Romani Miranda

Jaime Modesto Ponce de León Muñoz

Luis Alberto Vásquez Muñoz

Alberto Salvador Palacios Jimenéz

Rosa María Ruestas Mauricio

Juan Carlos Palomino Paredes

Elias Alexander Moron Gonzales

Paul Anthony Collado Matos

Josselyn Villavicencio Camacho

Angie Diana Corrales Quinto

Ingrid Karumi Alvarado Alvarado
Saúl Edgar Solís Rojas
Martin Carlos Aguirre Macavilca

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237814

CAPÍTULO 5.....52

A SALA DE AULA INVERTIDA E SUA APLICAÇÃO PRÁTICA NO AMBIENTE
UNIVERSITÁRIO DE MODA

Anna Carolina Moraes Figueiredo
Delzito Eduardo Moraes Figueiredo
Francisca Dantas Mendes

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237815

CAPÍTULO 6.....62

FORMAÇÃO DOCENTE, PESQUISA DE OPINIÃO E LITERACIA ESTATÍSTICA NA
ESCOLA: DOZE ANOS DE “NEPSO” EM PORTUGAL

Teresa Margarida Loureiro Cardoso
Maria Filomena Pestana Martins Silva Coelho

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237816

CAPÍTULO 7.....76

RECONFIGURACIÓN DEL TRAPECIO ISÓSCELES PARA DETERMINAR SU MEDIDA
DE ÁREA CON ESTUDIANTES DEL SEGUNDO GRADO DE EDUCACIÓN SECUNDARIA

Isela Patricia Borja Rueda

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237817

CAPÍTULO 8.....81

UNA MIRADA A LA FORMACION CIUDADANA, DESDE EL CURRÍCULO DE LA
INSTITUCIÓN EDUCATIVA LICEO DE BOLÍVAR

Julian Ruíz Iriarte

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237818

CAPÍTULO 9.....90

LA CONSTRUCCIÓN CURRICULAR COMO ACTIVIDAD PERMANENTE EN LA
FORMACIÓN TANTO DEL ALUMNO COMO DEL DOCENTE

Justino Vidal Vargas Solís

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237819

CAPÍTULO 10..... 98

**REPRESENTACIÓN TEÓRICA DE LA COMPETENCIA ASESORÍA PSICOPEDAGÓGICA
EN EL PROFESIONAL DE PEDAGOGÍA-PSICOLOGÍA EN FORMACIÓN INICIAL**

Yunier Guerra Borrego

Lázara María Varona Moreno

Manuel Antonio Mulet González

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28022378110

CAPÍTULO 11..... 108

LA REALIZACIÓN UNIVERSAL DEL DEPORTE Y LA ENCRUCIJADA IDEOLÓGICA

Juan Manuel Negrelli

Federico Germán Jaime

Rodrigo Altamirano

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28022378111

CAPÍTULO 12 120

**THREE CASE STUDIES ON EXPLORATION OF PROFESSIONAL MUSICIANS'
MOVEMENT AND BODY SELF-AWARENESS**

Annamaria Minafra

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28022378112

CAPÍTULO 13..... 140

HERD INSTINCT, SELF-REALIZATION AND *BILDUNG*

Mikko Ketovuori

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28022378113

CAPÍTULO 14..... 146

**INFORME DE RESULTADOS DE LA ENCUESTA DE SATISFACCIÓN DE EGRESADOS
2013-2017 DE LA LEEAI**

Luis Ricardo Ramos Hernández

Sibiú Sánchez Barrera

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28022378114

SOBRE A ORGANIZADORA.....152

ÍNDICE REMISSIVO153

CAPÍTULO 11

LA REALIZACIÓN UNIVERSAL DEL DEPORTE Y LA ENCRUCIJADA IDEOLÓGICA¹

Data de submissão: 23/12/2022

Data de aceite: xx/xx/202x

Juan Manuel Negrelli

UPC - FES - IPEF

Córdoba, Argentina

Federico Germán Jaime

UPC - FES - IPEF

Córdoba, Argentina

Rodrigo Altamirano

UPC - FES - IPEF

Córdoba, Argentina

RESUMEN: El presente ensayo consiste en un planteo que nos permita focalizar al deporte como objeto para próximos estudios sociales a desarrollar, con la sabia dificultad que significa considerar en medida adecuada la cuantiosa investigación y producción académica con la que se cuenta hasta el momento. Podemos observar que cada estudio, cada autor e impulso dado al campo de estudio, hoy mejor constituido como es el de la sociología del deporte, ha seguido el pulso que el tiempo social le ha imprimido a la

¹ Ensayo presentado y publicado en 12° Congreso Argentino de Educación Física y Ciencias, 13 al 17 de noviembre 2017, Ensenada, Argentina. Educación Física: construyendo nuevos espacios. EN: Actas (2017).

necesidad de reflexionar sobre él, profundizar su conocimiento y en el mejor de los casos intentar orientarlo. No es distinto en nuestro caso y a ello debemos agregar que en el conjunto de las coordenadas académicas que condicionan nuestros intereses, se encuentra el campo de la Educación Física, en el que, en algunos casos, se han asentado parte de los estudios sociales sobre el deporte. Por tanto, nuestros planteos por circunscribir nuestro objeto está atravesado por la pregnante conciencia de las consecuencias palpables casi, como, al efecto del golpe de martillo tiene el herrero en la forja, cuando se pretende intervenir en la experiencia educativa con prácticas deportivas.

PALABRAS CLAVES: Historia del Deporte. Sociología del Deporte. Civilización y Deporte. Educación Física y Deporte.

THE UNIVERSAL REALIZATION OF SPORT AND THE IDEOLOGICAL CROSSROADS

ABSTRACT: This essay consists of a proposal that allows us to focus on sport as an object for future social studies to be developed, with the known difficulty that means considering adequately the large research and academic production available up to now. We can observe that each study, each author and impulse given to the field of study, better constituted today as is that of the sociology of sport, has followed the pulse that social time has given to the need to reflect on it, deepen your knowledge and in

the best of cases try to guide it. It is not different in our case, and to this we must add that in the set of the academic coordinates that determine our interests, the field of Physical Education, part of the social studies on sport have been established. Therefore, our proposals to circumscribe our object is crossed by the pregnant awareness of the almost palpable consequences, like the effect of the blow of the hammer the blacksmith has in the forge, when he tries to intervene in the educational experience with sports practices.

KEYWORDS: History of Sport. Sociology of Sport. Civilization and Sport. Physical Education and Sport.

1 HEGEMONÍA DEPORTIVA Y DISOLUCIÓN CRÍTICA

El estudio del deporte en las sociedades occidentales en la extensión del siglo XX ha ocupado a diversos campos de conocimiento entre las Ciencias Sociales y las Humanidades. Dado lo extenso del campo de conocimiento los abordajes varían entre el análisis de su dimensión cultural como formador de caracteres identitarios (Alabarces, P.; Rodríguez, M.G. 1998), su dimensión política como campo fértil en el cual se entranan relaciones de poder; o como un factor indisociable de la constitución de las sociedades y estados modernos (Elias, 1987). Dadas las ya valiosas contribuciones de los estudios al respecto sería irrisorio plantear la diatriba sobre su valor social o no, tanto como su valor para los estudios sociales consecuentemente. Por esa misma razón, por la presencia cuasi pétrea, sedimentada y solidificada que constituye contemporáneamente la valoración positiva del fenómeno deportivo, anima indagar si la valoración social sobre el mismo, es factible de ser cuestionada o revisada. Contamos con el desarrollo de una vertiente de sociología crítica sobre el fenómeno deportivo, en la cual se ha podido relevar la crítica social que se ha canalizado vía fenómeno deportivo. No obstante, podemos ponderar contemporáneamente que su capital crítico y reflexivo parece se ha convertido en estéril ó inocuo.

Si verdaderamente el fenómeno deportivo es un constituyente indisociable de las sociedades modernas, como ya hemos dicho, tenemos la esperanza de encontrar en él tanto los factores positivos, como los factores negativos que se han podido analizar en la crítica a la realización del proyecto moderno. Tal vez por dicho camino podamos desocultar de esa apariencia cuasi pétrea las zonas blandas que permitan que el mismo pueda ser reconducido, allí donde se presentan desvíos de sus buenas intenciones. Tenemos presente en ese caso la necesidad de avanzar en el conocimiento de cómo se ha construido una valoración universalmente positiva sobre el deporte, cuáles han sido los condicionantes de la organización deportiva; de las políticas que se han implementado; de la legislación que lo han regulado. Tenemos entonces como una primera intención ir delineando las primeras tensiones en que el fenómeno deportivo comenzó a presentar

contornos críticos, para en una instancia posterior poder agudizar el foco y relevar los contornos críticos en el tiempo actual.

Al recorrer dicho abordaje socio-histórico tenemos presente que deberemos sortear al menos tres obstáculos que se nos han presentado y se nos presentan en cada intención de avanzar en el estudio. Uno de ellos es la delimitación regional que nos señala que a pesar de las pretensiones universales tanto del deporte como del proyecto moderno, ambos se han desarrollado con sus particularidades en latinoamérica, por lo que la orientación del abordaje de los estudios sociales de los cuales nos valdremos merecerá una minuciosa selección, que nos libere de hacer una sociología, historia del deporte con base en otras latitudes. Tales parecen ser los esfuerzos de Alabarces (2004). Un segundo obstáculo se presenta al pretender diferenciar con claridad los ribetes funcionales y los ribetes críticos que se identifican y afirman sobre el fenómeno deportivo. Y este segundo obstáculo se complejiza aún más cuando podemos reconocer que tanto la existencia social del deporte, como la sociología hecha sobre él, demandan una aguda sensibilidad histórica para conseguir establecer con rigurosidad las diferencias mencionadas. Ya que en casos ejemplares, tanto la manifestación deportiva, como la sociología hecha sobre él y que han sido un vector crítico, en otro momento histórico, se han tornado simplemente funcionales. La crítica más aguda y sagaz se ha reaprovechado para reforzar los valores y orientación que ella misma criticaba. Contemporáneamente, los últimos estudios que revelan la megalómana industria deportiva en ascenso exponencial desde la década del 80 del siglo pasado, pueden tomarse como revelación de la mascarada que constituyen los clubes y organizaciones deportivas como organizaciones sin fines de lucro, ó alertar a los inversores por cuanto no quedan dudas que ante el fenómeno deportivo estamos al frente de un nicho de mercado.

2 EL DEPORTE: CONQUISTA MODERNA Y EL REVÉS DISRUPTIVO

La génesis de las características disruptivas del deporte nos orientan a enfocarnos sobre un punto muy sensible en los estudios sociales como es el tema de la ideología. Pero la presencia del fenómeno ideológico no se manifestará aún, sino, luego de un período de afirmación y expansión mundial del deporte.

Nos ubicamos en la antesala de la llamada “modernidad”. Años antes a que se desarrollara como tal, dando lugar a la revolución que originaria luego. Se encuentra un mundo tensionado entre dos posibilidades: sumergirse en la “oscuridad”, ante un teocentrismo que pierde peso como cosmogonía, y así reforzar prácticas carentes de raciocinio tipificadas como paganas, salvajes, distantes de los designios del creador, del

dios en quien se basaba el principio y fin de todo lo existido y existente, incluyendo al cuerpo y su abanico de posibilidades; lo que es correcto y lo que no, el código ético que inscribe la moral cristiana, al deber ser del hombre; ó: la modernidad y su revolución de la cultura, la ciencia y la estructura social, ideológica, política y la manera de concebir todo lo construido hasta el momento, para pasar a ser guiada, ya no por Dios sino por la razón. El feudo y el reino ceden lugar a las primeras ciudades modernas. Venecia y Florencia son un buen ejemplo.

La ciudad moderna se asienta sobre dos pilares que le dan base y promete acabar con los déficits y excesos sufridos de los hombres entre los hombres, en la edad de la historia en que la razón se abocó a la Fé. Estos pilares atraviesan el orden social viéndose reflejados como espejos en las diversas instituciones sobre la que se estructura la propia modernidad. Emancipación y regulación; por una parte la libertad deseada para forjar su propio destino y la razón como aliado a la promesa de un mundo mejor, porque calculado y controlado para extraer de él, el máximo provecho con el menor esfuerzo. Por otro lado la regulación, mal necesario para el correcto funcionamiento de la sociedad. Normas, leyes, decretos y construcciones éticas acerca de lo correcto y lo indebido regulan, valga la redundancia, el accionar del hombre para el eficiente funcionamiento de una vida en sociedad, regido y atravesado transversalmente por la lógica del mercado. Siempre bajo una promesa de éxito. (Santos, 2006).

La esfera del mercado es clave para entender la ciudad moderna, la noción de capitalismo. Entendiéndolo como un sistema económico y social basado en la propiedad privada de los medios de producción, en la importancia del capital como generador y sostén de una economía de abundancia a través del mecanismo del mercado. El sistema nos plantea una situación de tensión por la puja para la obtención de un capital en disputa. La lucha de capitales planteada por Bourdieu *apud* Flaschland (2003) nos permite comprender las reglas del juego que rigen la vida en sociedad. Así dando lugar al juego de la vida lo gana el que mayor capital adquiere o en tal caso el que domina los medios de producción del capital. El que más tiene a su vez le es más fácil conseguirlo. Un todos contra todos, la panacea del individualismo. Se permiten alianzas momentáneas para generar el beneficio individual (habilidades de trabajo en equipo). Deberemos de ser eficientes a cada paso y asegurar el éxito (victoria). La generación de tácticas y estrategias para lograr el objetivo. Respetar las reglas o serás penado ó expulsado. (respetar las reglas del juego). Asumidas las reglas o no, el juego este da comienzo, la modernidad en marcha, el mundo sigue camino y el deporte se constituye en una metáfora hecha a medida del juego de la vida que la modernidad expresada con la voz liberal, traza.

Con la referencia de casi un siglo de cultivo del fenómeno deportivo en tierra inglesa y con su *sello de origen*, mas la onda expansiva del olimpismo y fuerza imperial que anima a los estados en el siglo XIX, llega el deporte a las costas más remotas, así también al paralelo -58. Ese siglo de cultivo puede comprenderse como el período de conquista, de valoración positiva inequívoca del fenómeno deportivo, toda vez que junto a las realizaciones tan característicamente de la época como la ciencia, la industria, el trabajo, el transporte, el comercio internacional, la escolarización masiva, la formación de los estados-nación; también el deporte se presenta junto a aquellos como factores civilizatorios modernos.

En el caso de Argentina ese período de valoración positiva y rápido crecimiento se vé comprimido a las últimas dos décadas del siglo XIX. Y es a finales del siglo cuando el fenómeno ideológico comienza a expresarse por la participación creciente de sectores populares. Los deportes pasarán de ser una práctica eminentemente aristocrática para pasar a ser reclamada por los obreros hasta convertirse en una práctica de masas. Es justamente hacia finales del primer tercio del siglo XX en que se desarrollan las “críticas pioneras al deporte” (Bennett, 1982; *apud* Bracht, 1997:20) en contexto europeo. Mientras que en Argentina a principios de siglo comienzan a fundarse los clubes de fútbol de cuño popular, que ha sido registrada con el concepto de “criollización del fútbol” (Freydenberg,1998) y hacia fines de dicho primer tercio en que tiene comienzo uno de las problemáticas de cuño ideológico con base en el conflicto de clases, como es la profesionalización del fútbol. Y hé aquí uno de los primeros entresijos en que la encrucijada ideológica se presenta.

3 LA IRRUPCIÓN DE LO POPULAR EN LO DEPORTIVO

La proliferación de clubes-equipos como llama Freydenberg (1998) es uno de los signos de la criollización del fútbol, en ese paso que da el caso del fútbol de constituir la primera liga argentina de 20 equipos en 1893 a una gran liga de 300 equipos-clubes de aficionados en 1907.

Pero no va a ser sino hasta la mitad del siglo XX cuando el estado argentino atendiera las reivindicaciones populares y las elevara con el estatus de derechos sociales, modificando el estado oligárquico-liberal en un estado de bienestar.

3.1 EL SURGIMIENTO DE UN NUEVO ACTOR SOCIAL: EL PUEBLO TRABAJADOR

Con el impulso del desarrollo industrial como política de estado en Argentina, comienza a crecer la masa obrera fabril en nuestro país en torno a las grandes ciudades,

sobre todo en Buenos Aires, y en algunos polos industriales, como Córdoba y Rosario, Los anteriores gobiernos oligárquicos habían dejado de lado en términos de participación y asistencia por parte del Estado a las clases no propietarias, y ni los gobiernos ni las clases oligárquicas (ligadas al campo y al modelo agroexportador) estaban preparadas en su estructura para incluir a esta masa creciente.

Inicialmente previo a su primer gobierno en 1943 desde su lugar en la recientemente creada Secretaría del Trabajo durante gobierno de facto, buscó sistemáticamente como inicio de su carrera política forjar una alianza con los trabajadores, que finalmente lograría con él una profunda identificación y serían el pilar fundamental de su poder política. Tal vez la máxima expresión de esto puede hallarse ante las puertas del golpe de estado que derroca a Perón en 1955, cuando los obreros, llegando a la Plaza de Mayo bajo balas y bombas con cuchillos y palos, lo hacían al grito de “la vida por Perón”.

Perón reconoce la importancia del surgimiento de la masa obrera y la capitaliza políticamente, otorgándole protagonismo a la vez que le quita participación. A los dichos de Perón, el problema de desequilibrio en la Argentina es de orden social y no así político, expulsando por fuera de la órbita de este último a las problemáticas y desafíos que surgían ante la construcción de este nuevo modelo de país. Lejos de seguir doctrinariamente la estructura de partido revolucionario propuesto por Lenin, solventado por un pequeño núcleo de estrato burgués que conduzca al proletariado, en la práctica el peronismo se constituye en un partido de masas pero, y entiéndase bien, un partido para las masas, en donde éstas pudieran sentirse contempladas e incluidas pero para las cuales la verdadera participación estaba también vedada o recluida a ciertos esquemas de sindicalización o momentos políticos puntuales como el voto. Sin embargo, Perón logra un gran nivel de adhesión pues esto era mucho más que lo que los obreros habían tenido nunca, y sumado a medidas políticas económicas y sociales tendientes a favorecer a la clase trabajadora, se hacía contundente la solidez de Perón como líder popular.

3.2 LA MASA Y EL PUEBLO TRABAJADOR

A lo largo de sus discursos primeros, Perón realiza una clara diferenciación entre masa y pueblo, en donde asigna virtudes al segundo y al primero califica de manera tal a como Sarmiento calificaba a la barbarie en Argentina. Yendo aún más allá, el peronismo asume una función docente, casi apostolar, con esta masa: la educa, la disciplina, la conduce, de manera tal que pueda ser positiva para el país y la aleje de la perdición que supone la charlatanería de revisionistas, comunistas, anarquistas, etc. En este sentido, la práctica deportiva, que comienza a aparecer de manera masiva, se muestra concurrente

con este ideario, permitiendo el disciplinamiento a través del deporte, la cohesión social de todos los participantes, y la puesta en vigor de los valores que el peronismo asignaba a esta práctica corporal parado desde una matriz castrista e higienista.

Siguiendo a Svampa (1994), en nuestro país, el surgimiento del “pueblo-trabajador” como sujeto, no puede estar desligado de la constante reelaboración de un ideal sarmientino, pues la lectura del Pueblo como masa organizada aparece en contraposición a las “masas inorgánicas” cercanas no deseables para la construcción nacional, reeditando en el período de posguerra el fantasma ideológico de la barbarie.

El trinomio de las tres “P”, Pueblo, Patria y Perón, muestra cómo este nuevo colectivo como sujeto social ocupa un lugar preponderante, siendo rápidamente identificado con la totalidad de la Patria, para luego, magistralmente, quedar atado en su destino con el destino del líder. La posibilidad de organicidad de este pueblo-trabajador depende en gran medida, doctrinariamente hablando, de las posibilidades de filiación que establece con su conductor, pues sin él dicha organicidad se pierde a la vez que se licua toda posibilidad de acción sistemática que enaltezca a la patria y favorezca su crecimiento, dejando a los obreros en manos de la siempre presente antinómica oligarquía.

3.3 EL DEPORTE COMO ELEMENTO CIVILIZADOR, NACIONAL Y POPULAR. NOSOTROS Y ELLOS

La antinomia discursiva establecida entre pueblo y oligarquía se reedita en múltiples formas, y siempre en clave de conflicto. La constitución de los opositores al peronismo se da siempre desde la negación para la construcción de la identidad. El antipueblo, el antipatria, se condensan en torno a un punto: el antiperonista, arrastrado a posicionarse en una instancia donde lo que quiere no está tan claro como lo que no quiere. Este antiperonista será demonizado y asociado a capitales extranjeros y la vejación a la patria.

La construcción discursiva en pares antinómicos es uno de los pilares del populismo. Necesitando la condensación propia de los aglomeramientos, la construcción identitaria se logra no solo por el gravitatorio efecto de la estructura del gobierno populista cuya fuerza centrípeta atrae a su seno muy diversos sectores, sino también por la expulsiva fuerza centrífuga que permite reconocer por fuera aquellos actores que quedan marginados del discurso, y que permiten la negación de los valores positivos que encara el modelo. Esta forma de relaciones agonistas antagonistas preserva en cierta forma la integridad de la estructura del partido/gobierno, pero a la larga, como ha ocurrido

en los populismos clásicos y en los denominados neopopulismos contemporáneos, esa división genera una fractura tan honda que lleva a la propia caída de los gobiernos por ser tan irreconciliables las posturas asumidas. El populismo siempre necesita clarificar el adversario político para operar discursivamente sobre él, de manera tal que las virtudes que son innegables quedan aún más ensalzadas y las falencias quedan reducidas a una cuestión de imposibilidad de ejecutar lo que se debe hacer para el pueblo por causa de sectores reaccionarios.

Esta relación nosotros-otros no solo se da a la hora de identificar esa suerte de “enemigo interno” sino también en el momento de posicionar al gobierno en contrapartida a ciertos actores del tablero internacional. El peronismo sostiene, desde la lírica y muchas de sus acciones, una resignificación del capital económico. Ya no es un capital libre, despótico, sino que por el contrario (y lo que es fundamental para no confundir el peronismo con ninguna forma amenizada del socialismo, pues el peronismo jamás intentará ir contra el capital ni se acercará al socialismo) está conducido por las riendas del Estado y es una herramienta para el empleo, la dignidad, y la justicia social. En la arena internacional esa posición, acompañada por la consabida “Tercera Posición” en el ajedrecístico contexto de Guerra Fría, lleva a determinados sectores a ejercer formas bastantes menos sutiles de presión. La posibilidad de dirimir estas cuestiones no escatimaba terreno, y mucho menos el terreno simbólico. En ese sentido, el deporte, sobre todo el deporte olímpico, se mostraba como una posibilidad de posicionar a la Argentina fuertemente también en este ámbito.

La época de los primeros dos peronismos se identifican como de “fiesta deportiva” (Rodríguez, 1997). Una serie de coronaciones en las presentaciones olímpicas y en los mundiales, así como la consagración de grandes figuras del deporte nacional como Fangio, Gatica, y Pascual Pérez, efectivamente lograron un posicionamiento internacional del deporte argentino. Era una de las formas más sublimes de honrar la patria, y en ese trinomio indisoluble, si la Patria había sido puesta en vigor, así también lo era el Pueblo y en consecuencia, el propio peronismo. La no presentación del seleccionado de fútbol en los mundiales de 1950 y 1954 obedeció a la diáspora y carencia de jugadores que conllevaría casi como consecuencia directa al fracaso deportivo, por lo cual una decisión política clara en este sentido impidió tal aparición en la competencia. Lo importante era ganar. Cada victoria, cada medalla, cada copa, cada laurel para la posición hegemónica que pretendía consolidar el peronismo como abanderado de la patria, y pretendía mostrar la fortaleza en esta dicotomía nosotros-otros en el plano internacional.

Esta forma de apoyo sistemático llevó por primera vez el deporte organizado por el estado a la masa popular. La posibilidad del deporte popular se cristalizó así en el doble

sentido; uno material que es la práctica deportiva efectiva y organizada; y otro simbólico identitario en fortalecer la figura del “héroe” deportivo con origen en el estrato social humilde. En conjunto realizan en parte y esperan otro poco, en aumentar la pertenencia social política y económica de la nación, por cuanto simbolizan las posibilidades del ascenso social.

4 CARA Y SECA: EL REVÉS IDEOLÓGICO, CARA Y CECA DE AMBAS MONEDAS

Luego de la popularización del deporte, ya nada volverá a ser como antes. Quizás habrá sido ese el sueño de la “revolución libertadora”. Quizás hasta embriagada de un “golpe” nostálgico, un golpe de tango. Pero como el río que baja hacia el mar, la historia tampoco es reversible. La masividad en crecimiento del deporte, ni el castigo más brutal a la selección de basquet de Canavessi (Guterman, 1996) la hará retroceder. Tan es así, que hasta el último cimbronazo reaccionario de facto de 1976 prefirió usar la corriente a su favor que enfrentarla aguas arriba, para despojar todo lo popular en lo que pudiera habitar el enemigo rojo.

El entrabe ideológico está planteado. Pero si la moneda tiene dos caras, dos monedas suman cuatro. Quizás la crítica al deporte de la nueva izquierda de los años 60 no pudo advertir que en su afán de desarmar la estructura liberal del fenómeno deportivo, incurría en la torpeza de enfrentar y querer doblegar la corriente. Es que el deporte, al menos en el caso argentino, ya había dejado de ser aristocrático, o popular; se había constituido en patria. Al decir de Archetti (2001) las patrias del deporte argentino, el potrero, la pista y el ring.

La crítica de la nueva izquierda nos consiguió advertir la contracara de una de las monedas, en la que el deporte traslucía su falso e ideológico carácter liberal sopesando su carácter más tosudamente regulatorio. El reglamento del deporte, la figura del árbitro la adhesión a las normas que rigen el juego, el director técnico, las posiciones de los jugadores, el llamado FairPlay. Toda la estructura que compone al deporte es claramente transmitida como valor del mismo. Valor de utilidad a la hora de pensar un ciudadano dotado de herramientas funcionales a la sociedad capitalista, a la plusvalía, un respeto acrítico a la ley, un deseo ferviente al éxito y sacrificio laboral, la asignación y aceptación del rol impuesto desde la sociedad al sujeto, la figura del réferi-estado como superior indiscutido regulador del juego. La no transgresión de las normas sociales (fairplay). Se denuncia por entonces que el deporte en la modernidad es en esencia una práctica funcional al sistema que adoctrina mentes y cuerpos para la reproducción del capital.

La otra moneda presenta dos caras también, y se presenta ya con el proceso de popularización del deporte. Si la popularización del deporte se inició con la demanda de un bien de ocio del cual gozaba la aristocracia, ¿cuál fué entonces el sentido de la presión social para convertir la necesidad de ocio en una actividad profesional? El héroe deportivo, que opera lúdicamente como símbolo para sobreponerse en victoria; en el juego social, al disolverse el juego vía profesionalización, deja de ser un espacio simbólico para convertirse él mismo en ascenso social. Solo que el ascenso social individual no de reivindicaciones sobre condiciones de clase. Si la figura del héroe deportivo se fue formando por el síndrome de la representación, la carrera del deportista en su afán individual de carrera, de cambio de camisetas, si guarda algún tipo de representación ya no depende de la identificación con la pertenencia a un colectivo, la nación, la patria, sino con **las posibilidades individuales de salvación**.

Así como el deporte ha dejado de ser estrictamente liberal como en sus primordios, la modernidad también. Las clases populares, relegadas en los primordios, de las bonanzas modernas, ya han aprendido que del esfuerzo, la eficiencia, el récord, en el trabajo, si bien aumenta la tasa de plusvalía del capital, permite algún grado de ascenso y movilidad social, al menos, bajo algunas reglas. ¿Cuáles serán esas reglas actualmente? Evidentemente ni transitamos el liberalismo, ni tampoco la modernidad.

5 DEPORTE, EMANCIPACIÓN: UNA SÍNTESIS Y BALANCE EN IDEOLOGÍA Y DEPORTE

La dilucidación del entrabe ideológico del deporte que venimos ensayando se nos presenta insuficiente por momento, aunque satisfactorio ya que nos plantea un complejo de supuestos teóricos, con potencial deductivo, para investigaciones empíricas. Se hace necesario indagar ¿cómo se ha dado el desarrollo deportivo en sus diferentes modalidades, en su organización federada, su prescripción didáctico curricular para el tratamiento educativo, su presencia ramificada en instituciones de las más diversas?

Claramente cómo es posible analizar el estado moderno comprendiendo sus polaridades regulatoria y emancipatoria, también así será hacer foco en el deporte mismo en el ámbito escolar analizándolo en cuanto a su práctica y discurso, ubicándolos bajo la lupa de estas características estructurantes y opuestas propias de la ciudad moderna y su descendencia. Muchas preguntas dan lugar a la hora de hablar de deporte, distante de ser una conquista universalmente lograda como bien social en sí mismo, carente de intencionalidades y sentidos. El deporte muestra disparidades en su práctica y en su discurso, siendo maquillada con valores que enaltecen su fin pero que ocultan

su esencia, su raíz y su propósito dentro y fuera del ámbito educativo y Bourdieu (1996) lo expresa claramente al distinguir los habitus de clase. Diversos tipos de prácticas corporales han pasado a lo largo de la historia, todas han aportado su impronta en cada momento, reflejando los valores hegemónicos y revelando la ideología dominante, el deporte entre ellas.

No sería desacertado cuestionarnos como educadores corporales entonces: ¿a dónde nos llevan nuestras prácticas corporales? ¿sería aconsejable percibir acriticamente el deporte como un bien social y educativo? ¿es posible otro deporte? ¿es necesario el deporte en la educación corporal? ¿En que medida, de que modo? Pensar un deporte emancipador remonta a pensar un deporte no-sujeto, ¿sujeto a que? Y animamos a sostener dos supuestos que puedan orientar tanto la investigación, como la acción didáctico-pedagógica para la educación corporal:

Supuesto 1: Sujeto a algunas normas conductuales, aquellas que imparten en ámbito escolar al deporte como liberador del estrés que presupone la cotidianidad del trabajo racional áulico. El momento de respiro entre clase y clase donde recomponer las energías perdidas. El tiempo de trabajo vs. el tiempo libre. Tiempo libre que nos permite desahogarnos y compensar el cansancio intelectual, la falta de motivación entre los momentos de actividad cognitiva. Encauzar la libido suprimida por el deber ser del “sujeto” a educar.

Supuesto 2: Sujeto al yugo de la estructura social, el deporte como liberador de un sistema verticalista que permite sortear el status quo bajo la promesa de ascenso social. La ilustración del héroe deportivo como ejemplo de camino a seguir para la superación de los obstáculos que presenta la estructura de un sistema capitalista. Pensar el deporte de esta manera conlleva a sospechar de un deporte que actúa como la promoción de una ilusión vacía, que promete una realidad muy poco tangible debido al escaso porcentaje de jóvenes que acceden a la suerte que requiere el alto rendimiento, y menos aún los que conquistan la cima de las grandes ligas. A cambio de practicar el deporte masiva y acriticamente, gestando un ciudadano que respete acriticamente las normas, trabaje en equipo y sea “exitoso” bajo el velo del deporte.

BIBLIOGRAFÍA

Alabarces, P.; Rodrguez, M.G. (1998) Fútbol y Patria Recuperado de <http://www.efdeportes.com/efd10/pamr10.htm>

Alabarces, P (2004) Entre la banalidad y la crítica. Perspectivas de las ciencias sociales sobre el deporte en latinoamérica. En Memoria y Civilización 7, 39-77. Recuperado de <http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/17670/1/26303831.pdf>

- Archetti, E. (2001) El potrero, la pista y el ring. Las patrias del deporte argentino. BsAs. Fondo de Cultura Económica.
- Bourideu, P. (1996) Deporte y Clase social. En Brohm J.M. Materiales de Sociología del Deporte. Madrid. La Piqueta.
- Bracht, V. (1997) Sociología Crítica do esporte. Vitoria. UFES. CEFE.
- Elias, N. (1987) El Proceso de la Civilización. Madrid. Fondo de Cultura Económica.
- Flachsland, C. (2003) Pierre Bourdieu y el capital simbólico. BsAs. Campo de Ideas.
- Frydenberg, J.D. (1998) Prácticas y Valores en el proceso de popularización del fútbol. Recuperado de www.efdeportes.com/efd10/jdf10.htm
- Frydenberg, J.D. (1999) El nacimiento del futbol profesional argentino. Recuperado de <http://www.efdeportes.com/efd17/futpro.htm>
- Guterman, T (2006) Entrevista a Jorge Canavessi. Recuperado de <http://www.efdeportes.com/efd95/canavesi.htm>
- Rodriguez, M.G (1997) El deporte como política de estado. Recuperado de <http://www.efdeportes.com/efd4/mgr4.htm>
- Santos, Boaventura de Sousa (2006) "Crítica de la razón indolente: contra el desperdicio de la experiencia". Bilbao. Ed. Desclée de Brouwer.
- Svampa, M. (1994) El dilema argentino: Civilización o Barbarie. Bs.As. El Cielo por Asalto.

SOBRE A ORGANIZADORA

Teresa Margarida Loureiro **Cardoso** é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Franceses e Ingleses, Ramo de Formação Educacional, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2001). É Doutora em Didática pelo Departamento de Didática e Tecnologia Educativa (atual Departamento de Educação e Psicologia) da Universidade de Aveiro (2007). É Professora-Docente no Departamento de Educação e Ensino a Distância (anterior Departamento de Ciências da Educação) da Universidade Aberta, Portugal (desde 2007), lecionando em cursos de graduação e pós-graduação (Licenciatura em Educação, Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, Mestrado em Pedagogia do Elearning, Doutoramento em Educação a Distância e Elearning), e orientando-supervisionando cientificamente dissertações de mestrado, teses de doutoramento e estudos de pós-doutoramento. É investigadora-pesquisadora no LE@D, Laboratório de Educação a Distância e E-learning, cuja coordenação científica assumiu (2015-2018) e onde tem vindo a participar em projetos e outras iniciativas, nacionais e internacionais, sendo membro da direção editorial da RE@D, Revista Educação a Distância e Elearning. É ainda membro da SPCE, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, e membro fundador da respetiva Secção de Educação a Distância (SEAD-SPCE). É igualmente membro da SOPCOM, Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. Pertence ao Grupo de Missão “Competências Digitais, Qualificação e Empregabilidade” da APDSI, Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação, é formadora creditada pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua do Ministério da Educação, autora e editora de publicações, e integra comissões científicas e editoriais.

<http://lattes.cnpq.br/0882869026352991>

<https://orcid.org/0000-0002-7918-2358>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alumno como sujeto del currículo 90
Aprendizaje abierto 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50
Arts education 140, 143, 145

C

Ciencias sociales 31, 34, 36, 39, 40, 91, 109, 118
Ciudadanía 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89
Civilización y deporte 108
Collectivism 140
Competencia asesoría psicopedagógica 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107
Complejidad 17, 90, 95, 96, 97
Currículo 1, 2, 5, 9, 11, 67, 81, 84, 87, 90, 92, 94, 95
Currículum 14, 57, 60, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97

D

Desplazamiento creativo 15, 27, 28, 29
Didáctica de la geografía 31, 40
Docencia universitaria y motivación 43

E

Educação 3, 5, 8, 10, 11, 12, 52, 53, 54, 58, 60, 61, 62, 64, 67, 70, 74, 75, 141
Educación Especial 146
Educación Física y Deporte 108
Educación media 81, 84, 87
Encuesta de satisfacción 146
Ensino reflexivo 1, 3, 4
Estudio de egresados 146, 147, 148
Estudo das Aulas 1, 2, 5, 6, 7, 10
Estudos de Opinião 62, 64, 74

F

Formação de Professores 62, 64, 75
Formación 15, 17, 19, 20, 21, 23, 30, 33, 40, 41, 44, 46, 47, 48, 50, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 112, 146, 147, 148

Formación inicial profesional 98

Fragmentación 90, 95

Fuentes históricas 31

H

Herd instinct 140, 144

Historia del deporte 108, 110

I

Individualism 140

L

Literacia Estatística 62, 63, 66, 74

M

Manual de convivencia y procesos pedagógicos 81

Medida de área 76, 79, 80

Metodologia de Trabalho de Projeto 62, 66, 74

Moda 52, 53, 54, 69

Modelo pedagógico 98, 102, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

Movement and body self-awareness 120, 121, 132

N

NEPSO 62, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75

P

Pensamiento histórico 31, 36, 41

Performative awareness 120, 122, 132

Phenomenological method 120

Práctica reflexiva 2, 15, 20, 23, 26, 30

Practicum 15, 17, 18, 20, 29, 30

Prática reflexiva 1, 3, 4, 5

Professional musicians 120, 121, 132, 137

Publicación científica del estudiante 43

Publicación indexada 43

R

Reconfiguração 76, 77, 79, 80

Rol del docente universitario 43

S

Sala de Aula Invertida 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61

Sismología histórica 31, 34, 40

Sociología del deporte 108, 119

T

Taller 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 29, 31, 40

Tecnología 12, 31, 32, 34, 47, 48, 49, 52, 54, 55, 59, 68, 70, 97

Trapezio isósceles 76, 77, 78, 79, 80

U

Universidad y revistas indexadas 43